

Comitiva volta constrangida com o que não trouxe

ESTADO DE SÃO PAULO

Sarney - Viagem

10 JUN 1988

JANDIRA GOUVEIA

"Só comprei Aspirina e Bufferin", foi avisando o deputado Milton Reis (PMDB-MG), ao descer do Boeing-707, exibindo uma bolsinha de viagem e explicando que a havia recebido no avião. Mas o constrangimento já se havia espalhado entre a comitiva que voltou na madrugada de ontem de Nova York com o presidente Sarney, diante da presença da imprensa na Base Aérea de Brasília, depois de ter sido levantada a suspeita de que o avião presidencial traria cargas proibidas de entrar no Brasil, como computadores.

A explicação prévia de Milton Reis também não serviu para tirar da Base Aérea os três funcionários da Receita Federal que aguardavam para fazer uma vistoria na bagagem do avião. "Isso é rotina, estamos sempre aqui", argumentaram os dois homens e a mulher incumbidos da tarefa, embora nenhum jornalista se lembrasse de já ter visto, em viagem internacional do presidente da República, qualquer funcionário estranho à Base Aérea ostentando os coletes pretos com letras laranja, nada discretos: "Receita Federal-Alfândega". Os funcionários falaram pouco e não apagaram a impressão de que tudo era um jogo de cena, para provar que a comitiva presidencial nada tinha a esconder.

O fato é que o Boeing-707 pousou à 1h20 e, por volta das 3 horas, a última mala deixava o aeroporto. Aliás, o deputado Milton Reis foi dos últimos a sair, com duas malas, gritando para os jornalistas: "Aqui está, e uma mala bem pequena". Muita gente cochilou, como a deputada Márcia Kubitschek (PMDB-DF), enquanto esperava a liberação das malas.

COLEGAS 'MALCOMPORTADOS'

Durante a espera da bagagem, o ministro Abreu Sodré dava entrevista, insistindo na candidatura do



Sarney passa a tropa em revista, após desembarcar na madrugada de ontem

EBN

governador Orestes Quércia para presidente da República e Sarney deixava a Base Aérea sem dar declaração — apenas um aceno de mão e um sorriso.

O porta-voz da Presidência da República, Carlos Henrique Almeida Santos, lamentava o comportamento da imprensa. Mencionando seus 22 anos de jornalismo, criticou o comportamento dos colegas em Nova York, porque, segundo ele, tiveram maior curiosidade e interesse pelo acidente aeronáutico que não houve na chegada do presidente e pelo computador que não existia.

"Isso sugere uma reflexão mais profunda a respeito da natureza do nosso ofício", afirmou Carlos Henrique, lembrando até de companheiros torturados pela ditadura para ilustrar a constatação de que a imprensa não está sabendo usar a liberdade de que dispõe.

Foram-se os passageiros do avião presidencial e, três horas depois, chegava à Base Aérea o Boeing-737, o chamado avião-reserva, trazendo desta vez o pessoal de apoio da Presidência da República, integrado na maioria por funcioná-

rios da segurança, da assessoria pessoal do presidente e da secretaria de imprensa. Eram cerca de 30. Também desta vez ninguém viu nenhum computador ou outro tipo de contrabando, além das sacolas de shopping que carregavam. Entretanto, assim como no primeiro avião, o constrangimento com a presença dos jornalistas era visível. Mas eles deram o troco, apontando para os equipamentos das emissoras de televisão e desafiando: "Vocês deveriam explicar também como eles entraram no País." (Brasília/Agência Estado.)

Planalto desmente e critica imprensa

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O Palácio do Planalto garantiu ontem que a comitiva do presidente José Sarney não contrabandeou nenhum computador durante sua permanência de três dias em Nova York. A lisura dos integrantes da comitiva foi defendida enfaticamente pelo porta-voz da Presidência da República, Carlos Henrique Santos, que manifestou ainda sua "profunda decepção" com o comportamento da imprensa brasileira. Em sua opinião, os jornalistas que acompanharam a viagem presidencial menosprezaram temas importantes, citando como exemplo a negociação da dívida externa, que teria avançado bastante durante o período em que Sarney permaneceu em Nova York.

Segundo Carlos Henrique Santos, em vez de concentrar as atenções num momento histórico — o presidente assumindo da tribuna das Nações Unidas o compromisso

formal de contribuir para o desenvolvimento da América Latina —, os jornalistas brasileiros tentaram transformar Sarney "em porteiro de hotel ou fiscal de alfândega". O porta-voz referia-se à pergunta feita durante entrevista, na quarta-feira, sobre a existência de caixotes contendo computadores prontos para serem embarcados para o Brasil no voo da comitiva oficial.

Para reafirmar sua convicção no que dizia, Carlos Henrique revelou que fez, pessoalmente, uma vistoria em todas as bagagens e nada encontrou. Em seguida, desafiou os jornalistas a indicar o local onde os membros da comitiva teriam adquirido os equipamentos eletrônicos e computadores. Sua conclusão é de que, como ninguém se manifestou, o contrabando simplesmente não existiu. O que, em sua opinião, é mais uma prova do comportamento equivocado dos jornalistas que fizeram a cobertura da viagem do presidente Sarney.

Parlamentar quer saber quanto custou a viagem

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Quantos dólares foram fornecidos pelo Banco Central a cada integrante da comitiva presidencial que esteve em Nova York? Qual é o relatório da alfândega a respeito da inspeção na bagagem de volta da comitiva?

Essas são as questões que o deputado Adylson Motta (PDS-RS) quer ver respondidas pelo ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência, Ronaldo Costa Couto. Elas constam de requerimento de informações que o parlamentar apresentou ontem à Mesa da Constituinte para ser encaminhado ao Palácio do Planalto.

No documento Motta mencionou a denúncia da imprensa, segundo a qual integrantes da comitiva do presidente Sarney adquiriram computadores da empresa City Services, que os entregou no hotel onde estavam hospedados.

"AUSTERIDADE"

"Para que não parem dúvidas ou insinuações sobre a austeridade apregoada pelo governo disse o parlamentar —, é preciso que se esclareça se essa mercadoria não entrou no Brasil ilegalmente, contrariando a lei de reserva de mercado na área da informática."

Os requerimentos de informações precisam, primeiro, obter parecer favorável da Mesa para ser encaminhados. É um processo demorado, e as respostas demoram muito mais. A liderança do PDS está recebendo somente agora as respostas para alguns dos cerca de 600 requerimentos apresentados por Amaral Netto (RJ) há mais de dois anos.

Anteontem, último dia de sua visita a Nova York, o presidente José Sarney demonstrou irritação ao ser questionado pelos jornalistas sobre o embarque de equipamentos eletrônicos cujo ingresso no Brasil é proibido.